

## A FERROVIA E O FUTEBOL: Histórias e Memórias do futebol ferroviário em Parnaíba (PI)

Maria Dalva Fontenele Cerqueira<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender a participação dos ferroviários no futebol parnaibano, conhecer o cotidiano dos ferroviários e sua participação no futebol, buscou-se, também identificar os espaços da cidade ocupados pelos times durante os treinos. Utilizou-se a metodologia da história oral, tendo como gênero adotado nas entrevistas a história temática. Além das fontes orais, foram utilizados jornais, revistas, livros de memorialistas para compreender as questões propostas. Na análise e interpretações das fontes foram importantes as contribuições de autores como: Assmann (2011) Nora (1997), Certeau (2003), Fontineles (2009), Franco Júnior (2007), Thompson (2002).

**Palavras-Chave:** Futebol. Memória. Parnaíba (PI).

### Abstract

This article aims to understand the participation of the railroad workers in parnaibano football, knowing the daily of railroad workers and your participation in football, it attempted to also identify spaces occupied in city by the teams during training. We used the methodology of oral history, with the kind adopted in interviews the thematic history. In addition to the oral sources, were used newspapers, magazines, memoirs books to understand the questions posed. In the analysis and interpretations of the sources were important the contributions of authors such as: Assmann (2011) Nora (1997), Certeau (2003), Fontineles (2009), Franco Júnior (2007), Thompson (2002).

**Keywords:** Football. Memory. Parnaíba (PI).

---

<sup>1</sup> Mestra em História do Brasil (UFPI), Especialista em História do Brasil (UFPI), Licenciada em História (UES-PI). Professora da Educação Básica da Secretária de Educação do Estado do Piauí. Diretora da Escola Normal Francisco Correia - IEAF / Parnaíba (PI).

### **Entrando em campo**

A bola rolou no Piauí no início do século XX. Na cidade de Parnaíba, o esporte começou a ser praticado como uma forma de lazer pela elite que era formada pelos filhos de comerciantes locais e pelos ingleses que trabalhavam na Booth-Line e na Casa Inglesa.

De acordo com as fontes pesquisadas na década de 1920 a cidade já dispunham de dois estádios de futebol pertencentes aos times, Parnahyba Sport Club e Internacional Sport Club, e uma Liga de Esportes Terrestres onde os demais times ao se filiar disputavam os torneios municipais. No mesmo período Parnaíba viu ser construída a Estrada de Ferro Central do Piauí e com ela um novo tipo de trabalhador, o ferroviário, profissão até então inexistente no estado.

A Estrada de Ferro Central do Piauí, construída na cidade de Parnaíba nas primeiras décadas do século XX, foi recebida pelos piauienses como símbolo da modernidade, sua chegada proporcionou mudanças de hábitos e costumes, alterou noções de tempo e espaço, encurtou distâncias e aproximou os parnaibanos das cidades e povoados do norte do estado e com a capital, Teresina.

Além do encurtamento das distâncias e da melhoria da comunicação a chegada do trem no Piauí significou também, uma oportunidade de emprego para muitos piauienses, cearenses e maranhenses que estavam desempregados, sem condições de alimentar sua família. As mudanças climáticas, a seca como ficou conhecida, que assolavam o Nordeste nas primeiras décadas do século XX prejudicavam a lavoura, causando a ruína das plantações, uma das atividades dos piauienses, cearenses e maranhenses no período pesquisado.

Os trabalhadores da estrada de ferro também conhecidos como ferroviá-

rios que assim como os filhos da elite parnaibana se encantaram pelo futebol, que passou a ser umas das suas principais formas de lazer nos finais de semana. Reunidos em torno do Ferroviário Atlético Clube, disputaram partidas memoráveis e entraram para a história do futebol da cidade como campeões. O time dos ferroviários foi tetracampeão parnaibano entre as décadas de 1940 e 1950, passou a ocupar um lugar de destaque entre os demais times existentes na cidade e no Estado.

Também conhecido como “Esquadrão da Central” ou “Ferrim”, o Ferroviário Atlético Clube tinha uma sede própria localizada na Avenida São Sebastião. Prédio construído na década de 1940 pelos próprios ferroviários com recursos da ferrovia, que atualmente está de pé no mesmo local, este prédio funciona como um “fundamento normativo” e um “lugar de memórias” não apenas para os ferroviários-jogadores e seus familiares, mas para os demais parnaibanos que frequentavam as festas realizadas pelos ferroviários.

Diante do exposto, apresentamos nosso interesse em investigar a participação dos ferroviários no futebol parnaibano entre as décadas de 1940 a 1980, identificar as atividades que exerciam na estrada e os lugares que ocupavam dentro do time, conhecer as representações que os ferroviários-jogadores guardam em suas memórias sobre a prática do futebol em Parnaíba.

O recorte temporal escolhido considerou inicialmente a década de 1940 em que segundos as fontes investigadas, o clube foi fundado e a década de 1980 quando a ferrovia fazia parte da Rede Ferroviária Federal foi desativada. Esclarecemos ainda que em alguns momentos de nossa investigação podemos avançar ou recuar no tempo cronológico para uma melhor compreensão do objeto de pesquisa.

Na nossa investigação, tomamos como fontes jornais, livros de memoria-listas e cronistas locais, Almanaque da Parnaíba e fonte oral produzida por meio de entrevistas, realizada com ferroviários aposentados e seus familiares que fizeram parte do Ferroviário Atlético Clube no recorte proposto.

Para Daniéle Voldman a fonte oral “é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informação que lhe parece necessário possuir”(VOLDMAN, 2006, p. 36). No entanto, a história oral não é exclusividade dos historiadores. Fazem uso dessa metodologia todos os campos do saber que buscam um “caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a forma de vidas e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2088, p. 164).

O trabalho com fonte oral propicia um contato entre pessoas, ou seja, as pessoas que ao aceitarem participar da pesquisa passam à condição de colaborador, sem essa colaboração ou cooperação a pesquisa com esse tipo de fonte se torna inviável. Por meio de suas narrativas dos ferroviários expressam seus feitos, suas experiências vivenciadas com o grupo ou individualmente, em que estiveram envolvidas no trabalho, lazer e nas relações cotidianas. O historiador Francisco Alcides do Nascimento alerta os pesquisadores sobre o uso dessa metodologia ao afirmar que a “história oral não pode ser vista como uma panaceia, mas como um instrumento que permite a construção de documentos, que levam para dentro da história, vozes ignoradas pelas fontes tradicionais” (NASCIMENTO, 2006, p. 140).

Ao adotar a História Oral como metodologia pressupõe um estudo não apenas de história, mas também de

memória. O que a memória pode nos fornecer sobre as experiências e o cotidiano dos trabalhadores e sua participação no Ferroviário Atlético Clube? Sobre as potencialidades da memória e o que ela pode nos fornecer, Michel de Certeau afirma que:

*Ela é feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças. Cada uma delas, quando se destaca tecida de sombra, é relativa a um conjunto que lhe falta. Brilha como uma metonímia em relação a esse todo. De um quadro, há somente, deliciosa ferida, esse azul profundo. De um corpo, esse brilho de um olhar, ou esse granulado de uma brancura que apareceu no entreabrir-se de uma encrespadora. Essas particularidades têm a força de demonstrativos: aquele sujeito ao longe que passava inclinado...aquele odor que nem se sabe de onde subia...Detalhes cinzelados, singularidades intensas funcionam já na memória quando intervêm na ocasião (CERTEAU, 2003, p. 164).*

A memória, portanto, é tecida de recordações que são compostas de pequenos fragmentos de lembranças que, em alguns casos, encontram-se adormecidas e precisam ser tocadas para despertar. Quando lembramos, não estamos revivendo o passado. Este já passou. O que aflora são pequenos fragmentos vividos em grupo ou individualmente, às vezes vem desordenada, desrespeitando uma cronologia, mas como nos ensina Certeau: “A memória não possui uma organização já pronta de antemão que ela apenas encaixaria ali. Ela se mobiliza ao que acontece – uma surpresa, que ela está habilitada a transformar em ocasião. Ela só se instala num encontro fortuito, no outro” (CERTEAU, 2003, p. 162).

Os toques ou “ativadores de memória” para usar uma expressão cara a Paul Thompson (2002) podem ser dados por meio de uma imagem, uma notícia de jornal ou pelas perguntas realizadas durante uma entrevista. Uma vez mobilizada, as lembranças ganham cor, brilho e afloram da escuridão do esquecimento a que estavam submetidas.

### A bola rola em Parnaíba

Atualmente o futebol é esporte que mais encanta e emociona a sociedade brasileira, com um grande número de adeptos, praticantes ou torcedores, capaz de seduzir e despertar paixões em adultos e crianças. No entanto, esse esporte nem sempre foi um esporte popular. Introduzido no Brasil como um esporte moderno no final do século XIX, por brasileiros que iam para a Inglaterra estudar trouxeram a bola, as normas e a paixão que os encantou pelo esporte.

No Brasil, a introdução do novo esporte é atribuída a Charles Miller, que foi enviado à Inglaterra, ainda criança, para estudar, “retornou em 1894 trazendo em sua bagagem um verdadeiro arsenal litúrgico: dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar e o desejo quase apostólico de desenvolver o esporte entre seus pares” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 60).

Segundo Hilário Franco Júnior, o pioneirismo das praticas futebolísticas no Brasil estão centradas em São Paulo, seguidas pelo Rio de Janeiro, e depois propagadas pelos outros estados brasileiros. Em Parnaíba, as primeiras notícias da pratica de futebol foram deixadas por Goethe Pires de Lima Rebelo no livro intitulado *Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga*, segundo o cronista,

*“[...] pouco antes da primeira grande guerra, Parnaíba tinha sua larga pauta de exportação para paí-*

*ses da Europa Ocidental, [...] Este fato trouxe um intercâmbio comercial e cultural de relevante significação, levando algumas famílias “patricias” a mandarem seus filhos estudarem em colégios europeus, para que aprendessem, além da língua, as técnicas mais avançadas do momento. [...] Na volta ao lar, esses rapazes traziam hábitos e costumes novos, adquiridos no além mar. Entre esses, o do futebol, grande novidade esportiva da época, que começava a ganhar campo em todo o mundo” (REBELO, [s/d], p. 61)*

Essa aproximação, por meio do comércio, é apontada pelo cronista, como “um fato que trouxe um intercambio comercial e cultural de relevante significação”, pois por meio dele, além de outras práticas culturas o futebol foi introduzido no Piauí pelo comércio praticado entre parnaibanos e os países europeus, dentre ele a Inglaterra. E assim como o jovem Charles Miller, “foram para a Inglaterra os jovens Septimus Clark, Adhemar Neves e Zeca Correia e, para Alemanha, Joca Neves” (REBELO, [s/d], p. 61) ambos completar os estudos e tiveram contato com o futebol.

*Por essa época, existiam em Parnaíba agências de duas importantes firmas inglesas, com ramificação em todo o Norte e Nordeste do Brasil: Casa Inglesa e Booth-Line, ambas com sede em Liverpool, Inglaterra. O gerente e sócio da Casa Inglesa o Sr. James Frederic Clark, pai do jovem Septimus. Possuía em seu Quadro de funcionários o cidadão inglês chamado Leonard Haynes. A Booth-Line era gerida pelo jovem Mister Juliam Clissold e contava no seu quadro de funcionários com o cidadão inglês, Mister Anderson. Estes ingleses e os rapazes que haviam es-*

*tudado na Europa, principalmente na Inglaterra, organizaram um grupo de admiradores do futebol que, com mais alguns rapazes da terra, dava para formar dois times (REBELO: s/d, p.61) (grifo nosso)*

E assim, segundo o cronista o futebol passou a envolver no mesmo espaço os “rapazes que haviam estudado na Europa”, por tanto, membros da elite parnaibana e os “rapazes da terra” os trabalhadores dos comércios onde os pais desses rapazes eram proprietários ou administradores. Ingleses e brasileiros se misturaram na prática desse lazer moderno, recém-chegado à cidade. Inicialmente formavam-se os times minutos antes da partida que era comandado por um dos dois “captains”, Septimus Clark ou Zeca Correia, com o passar do tempo começaram a surgir rivalidades entre o grupo e formaram dois times próprios:

*O grupo capitaneado por Septimus Clark, dispersou-se, passageiramente, até que em 5 de junho de 1912 [...] fundou em sessão solene, o glorioso Internacional Athletic Club. Adotou a camisa vermelha com golas e punhos brancos, tendo ao peito esquerdo o emblema do clube; calção branco, meias vermelhas e brancas, listrada na vertical e chuteiras pretas. A bandeira era listrada de vermelho e branco, tendo na parte superior o emblema do clube, inserido num pequeno retângulo. O outro grupo capitaneado por Zeca Correia, mais coeso, acabou fundando, em 1 de maio de 1913, em sessão solene, o Parnahyba Sport Club. [...] Adotou a camisa branca com gola e punhos brancos, tendo ao peito o escudo do clube, calções azuis, meias e chuteiras pretas. A bandeira era azul com faixa branca no meio, tendo no centro o em-*

*blema do clube (REBELO, [s/d], p. 62).*

Pela descrição apurada sobre a prática do futebol em Parnaíba, observamos que os times já possuíam inclusive de roupas apropriadas para a situação, que são as equipes, como conhecemos hoje. A bandeira e o hino de cada time também foram pensados pelos organizadores, inclusive o hino do Parnahyba Sport Club é atualmente o hino da cidade. Os times também construíram seus estádios, verdadeiros templos de lazer moderno, com arquibancadas com capacidade para um grande público.

Depois de organizados os primeiros times, os parnaibanos criaram uma liga de futebol e assim, “em 1917, foi fundada a Liga de Esportes Terrestres de Parnaíba, primeira representante oficial do futebol piauiense, filiada a Liga Metropolitana de Esportes Atlético, órgão máximo do esporte brasileiro, daquela época, com sede no Rio de Janeiro, então, Capital Federal do Brasil” (REBELO, [s/d], p. 62), a Liga foi presidida por João Tavares da Silva.

Como podemos observar, na década de 1920 já estavam montadas as bases do futebol no Piauí, em especial, em Parnaíba, a existência de times, a criação da liga e a construção dos estádios. Toda essa agitação em meio ao futebol favoreceu a divulgação do esporte na cidade e os parnaibanos tomaram gosto pelo esporte que passou a ser jogado não apenas pelos filhos da elite, mas também, pelos filhos das famílias mais pobres que improvisavam uma bola e disputavam suas partidas em meio às praças e nos terrenos baldios espalhados pelos arredores da cidade.

O cronista parnaibano era um apaixonado por futebol e torcedor do Internacional Athletic Club. Em sua crônica sobre o futebol parnaibano nar-

ra que nos idos de 1922, sua família foi morar numa chácara vizinha do Internacional o que o aproximou mais ainda do clube, tendo inclusive a oportunidade de fazer parte “de seu quadro infantil”, narra detalhes sobre o time, onde um dos detalhes mais curiosos era a terminologia que era usada pelo time “era estritamente britânica. O goleiro era Goal-Kepper; os zagueiros, Full-backs; os de meio campo, Halfs-backs; e os dianteiros, Fowards; impedimentos, Off-side; bola lateral, Out-side; início do jogo, Kick-off; o juiz, Referee; a entrada, Ticket; o jogo, Martch; e o campo, Field.” (REBELO, [s/d,] p.63).

Assim como os parnaibanos, os teresinenses também se renderam aos encantos da bola, de acordo com o historiador Pedro Vilarinho Castelo Branco, “o futebol torna-se, por volta de 1918, a grande paixão esportiva dos teresinenses, surgem várias agremiações de *footbalers* na cidade e entre as quais podemos destacar: o Satélite, o Republicano, o Artístico, o Militar e o Palmeiras”, diferentemente do que acontecia em Parnaíba, “os jogos eram realizados principalmente nas praças e lagos, de forma improvisada e sem conforto para o público que ia assistir aos eventos esportivos” (CASTELO BRANCO, 2015, p. 24).

Os teresinenses formaram a liga, e como era na capital foi chamada de Liga Piauiense de Esportes Terrestres, a criação da liga foi notícia na coluna esportiva do jornal *A Imprensa* de 15 de setembro de 1925, onde o cronista aponta o feito como um símbolo de progresso e civilização:

*Teresina civiliza-se, tem ânsias de progresso. Tudo que seja elevá-la, engrandecê-la tem hoje, sem discrepância, aprovação unanime não só da parte culta, como do povo em geral. Daí, a explicação do entusiasmo fe-*

*bril com que foi saudada a ideia de um campeonato de Foot-ball entre os clubes da cidade, instituído pela liga piauienses de sports terrestres, novel associação a dias criada nesta capital (A IMPRENSA, 15/09/1925).*

No Brasil, aos poucos o futebol deixou de ser praticado, exclusivamente pela elite, e passou a ser “o esporte de maior aprovação no seio social brasileiro” (FONTINELES, 2010, p.111). Foram formados muitos times nas capitais e nas cidades que eram centro produtoras e com destaque comercial nas primeiras décadas de século XX. O historiador Antonio Paulo Rezende nos informa que em Recife, “o futebol despertou paixões, daí a fundação da Liga Esportiva Pernambucana para incentivar a sua prática, também em 1915, um ano depois do surgimento de dois times de futebol que se tornariam tradicionais e grandes adversários” (REZENDE, 1997, p. 58).

Em Parnaíba na década de 1930, por exemplo, registramos a existência do “Guarani Sport Club, o Coroa, Fluminense, Remo, Paissandu, Flamengo” esses clubes eram formados nos bairros que ficavam nas imediações do centro da cidade. O time cujos membros eram filhos da elite comercial parnaibana, foi formado posteriormente e nas palavras do cronista foi um “glorioso time, o Ginasial- Comercial Futebol Club, cujo maior time de sua existência era formado do seguinte esquadrão: Walterdes Sampaio, Ari Uchôa, Goethe Pires, Alcyr Carvalho, Zé Sales, Souza Neto, Edison Sampaio, Gotardo Miranda, Dante Pires, Alberto Silva e Parentinho” (REBELO, [s/d], p. 62).

Como podemos observar os nomes que compõem o “time glorioso” de nosso cronista, são filhos da elite parnaibana e estes nas décadas seguintes ocuparam cargos importantes na cidade

e até mesmo no estado, como Alberto Silva que foi por duas vezes prefeito de Parnaíba e governador do estado do Piauí e Walterdes Sampaio que se formou em medicina e foi presidente do Ferroviário Atlético Clube.

### **A bola na Rede**

O futebol assim como outras formas de lazer, no início do século XX, invadiu o cotidiano dos brasileiros e em pouco tempo se consolidou como “esporte de multidões”. Na cidade de Parnaíba tinha se formado times que disputavam as partidas principais no campo do Internacional. Essa forma de lazer que a princípio era praticada apenas pela elite parnaibana se popularizou entre os operários da estrada de ferro que passaram a formar seu próprio time, o Ferroviário Atlético Clube.

De acordo com a historiadora Lêda Vieira (2010, p.189) os ferroviários tinham muitas formas de lazer, onde o futebol era uma delas, “os ferroviários também se divertiam com os clubes de futebol criados por empresários ou esportistas interessados pelo desenvolvimento dos esportes. Na cidade de Parnaíba existiam muitos times de futebol [...]”. O *Almanaque da Parnaíba* (1943), aponta uma lista dos times existentes em Parnaíba, onde o Ferroviário já se fazia presente:

*Belga Futebol Clube – Av. 1º de Maio, s/nº; Brasil Futebol Clube – Ilha Grande de Santa Isabel; Casino 24 de Janeiro – Rua do Miranda, 3º; Corôa Futebol Clube – Rua São Bernardo, s/nº; Esporte Clube Fluminense – Av. Marechal Pires Ferreira, s/nº; Flamengo Esporte Clube – Rua Vera Cruz, s/nº; Ferroviário Atlético Clube – Praça Luiz Galhannoni, s/nº; Guarani Esporte Clube – Av. Marques de Paranaguá, s/nº; Parnaíba Esporte Clube – Rua Sou-*

*sa Martins, s/nº; Paissandú Esporte Clube – Rua Coelho Rodrigues, s/nº; Primeiro de Maio Esporte Clube – Av. Alvaro Mendes, 8. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1943, p. 299).*

O Ferroviário Atlético Clube formado na década de 1940, teve como um dos principais incentivadores o médico da Estrada de Ferro Central do Piauí, Walterdes Sampaio, que assumiu para si a responsabilidade com a formação e manutenção da equipe. Como ocupava um cargo importante dentro da empresa e tinha boas relações na cidade, escolhia para participar do time os jogadores que se destacavam nos demais times e os convidava para trabalhar na ferrovia e fazer parte do time.

Em Parnaíba, nesse período não tinha jogadores profissionais em geral os times eram compostos por trabalhadores que faziam, por meio do futebol, assim como aconteceu em São Paulo e em outras regiões do Brasil a “descoberta de uma vocação” (SEVCENKO, 2009, p.63). Essa vocação, em alguns casos, lhes permitia a conquista de um emprego que poderia ser nas casas comerciais ou empresas federais, como a Estrada de Ferro Central do Piauí, que empregou muitos jogadores de futebol para defenderem seu time.

Um dos jogadores que foi convidado pelo presidente Walterdes Sampaio para fazer parte de sua equipe foi Raimundo Ribeiro Nascimento. Assim como muitos outros ferroviários piauienses ele tinha um apelido, Leiteirinho, foi como ficou conhecido entre os parnaibanos. Ao se recordar de sua história na ferrovia e no futebol numa entrevista concedida ao historiador João Batista de Oliveira Nascimento, ele faz o seguinte relato: “quando comecei a trabalhar na ferrovia já era conhecido assim, foi uma herança de seu pai que

se chamava João leiteiro, isso foi por ele ser administrador da fazenda de gado do Coronel Josias de Moraes Correia e distribuir leite de gado na cidade” (NASCIMENTO, 2013, p. 193).

Mas, Leiteirinho não herdou do pai apenas o apelido, herdou também o gosto e a habilidade com a bola, “papai era jogador de futebol, era zagueiro do Fluminense. Ele era muito bom! Bom mesmo!! Eu sempre acompanhava ele nos jogos e nos treinos e ficava admirando e brincando nos arredores com outros meninos”.

Leiteirinho, atualmente idoso, convive com os problemas de saúde, mas gosta de contar as histórias de sua vida, principalmente às relacionadas ao futebol, esporte que ele tem uma verdadeira paixão e que lhe rendeu seu primeiro emprego.

58

*Eu comecei a jogar futebol novinho, ainda criança, já rapazote eu jogava no Bariri no Alagoas Futebol Clube, na posição de ponta esquerda, o time era do Sargento Gerson. Na época o João Tavares da Silva era Presidente da Liga Parnaibana e presidente do Parnaíba Esporte Clube. Meu primeiro time oficial mesmo foi o Belga, se não me falhe a memória eu tinha entre 16 e 17 anos. Eu joguei pouco pelo Belga e fui para o Parnaíba a convite do senhor Antonio Gutemberg que falou com meu pai pra eu ir trabalhar na tipografia de sua Gráfica Comercial e jogar no seu time, o Parnaíba Esporte Clube. Ah!! Eu fui. Arrumei um emprego e jogar num time grande, lá eu era atacante. Depois veio o Doutor Walterdes e me convidou para trabalhar na gráfica da Estrada de Ferro e jogar no Ferroviário. Eu nem pensei duas vezes e aceitei logo. O Ferroviário era um time muito bom e já tinha ganhado muitos jogos. Joguei em muitos ti-*

*mes, mas o Ferroviário foi o time da minha predileção. Nós era uma família, a família ferroviária. (NASCIMENTO, 2013).*

Na vida do Leiteirinho, futebol e trabalho estão entrelaçados. Quando criança o futebol era uma das suas brincadeiras favoritas, a brincadeira de criança lhe rendeu oportunidades de emprego e uma profissão, primeiro na Gráfica Comercial e depois na Gráfica da Estrada de Ferro Central do Piauí, quando se tornou um “ferroviário-jogador”, emprego que lhe ajudou a alimentar e educar sua família e de onde ainda hoje retira seu sustento, por meio de sua aposentadoria.

Sobre a participação do Doutor Walterdes Sampaio no futebol parnaibano e seu compromisso com o Ferroviário Atlético Clube e seus jogadores, o historiador João Batista Nascimento afirma que:

*Médico efetivo da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA) e um dos melhores clínicos da cidade foi, em vida, o maior gestor futebolístico do querido “trem”, outro adjetivo carinhoso dado ao seu Ferroviário. Não se tomava decisões ou deliberações sem consulta prévia ao Dr. Walterdes porque ele se preocupava com a efetiva administração de seu Clube, desde a contratação (amadorismo marrom) até a vivência cotidiana de seus jogadores. Era comum o uso de sua influência na Diretoria da Estrada de Ferro Central do Piauí (EFCP) para arranjar emprego, com oficial registro de trabalho para seus atletas (NASCIMENTO, 2013, p. 114).*

Vicente de Paula Araújo Silva também era jogador de futebol e trabalhava na Casa Inglesa foi convidado pe-

lo Doutor Walterdes para integrar o Ferroviário e trabalhar na ferrovia na década de 1960. O entrevistado, afirma que, “venho de uma família de ferroviários, meu pai, Sebastião Lauro da Silva, assim como outros ferroviários também tinha um apelido, Ição, era ferroviário e irmãos, filhos que trabalhavam na ferrovia”. Seu pai, que também fazia parte do time era assim como ele, um apaixonado pelo futebol e em especial pelo time da empresa na qual ele trabalhava.

*Eu entrei por causa da influência do meu pai, que já trabalhava lá e como eu jogava futebol e trabalhava na contabilidade da Casa Inglesa, a oportunidade de ganhar mais lá era praticamente três vezes mais o que eu ganhava trabalhando na contabilidade da Casa Inglesa. Aí eu trabalhava somente um expediente e praticamente era só pra jogar futebol. Eu jogava no Ferroviário. Eu era aspirante de vez em quando eu jogava no time titular e eles achavam que eu tinha futuro como jogador de futebol e por influência do papai, o Doutor Walterdes me contratou para trabalhar na Estrada de Ferro, mas logo quando esse Capitão dos Portos invadiu a estrada fui logo demitido porque eu não era funcionário efetivo, era servidor contratado. Então, foi uma passagem rápida pela Estrada de ferro, mas minha família foi uma família de ferroviários (SILVA, 2014).*

A narrativa do entrevistado é esclarecedora por dois motivos: primeiro por informar que quando se tinha um parente trabalhando na ferrovia aumentava as chances de emprego aos demais membros da família, segundo por mostrar como o futebol promovia uma mobilidade entre os trabalhadores da cidade, uma vez que os times contratavam

os jogadores que trabalhavam nas empresas e esse contratado implicava na mudança de emprego. O narrador era funcionário da Casa Inglesa e passou a ser ferroviário ao ingressar no Ferroviário Atlético Clube.

Outro ferroviário que também guarda na memória as recordações do futebol em Parnaíba é o senhor Newton Pereira Costa. Para este ferroviário-jogador o que mais lhe marcou como ferroviário não foi o trabalho na oficina, mas os jogos que ele disputou com os colegas de trabalho.

*O que mais me recordo da ferrovia foi de muita bola que joguei pelo Ferroviário. Fiz muitos amigos lá! Quando eu fui jogar bola eles nem queriam que eu jogasse, eu era garoto e era magrinho. [...] Eu tinha um primo que me dava à chuteira dele do pé esquerdo para eu jogar. Depois eu mandei fazer uma chuteira para mim, naquele tempo era muito jogador, hoje em dia ninguém ver mais o povo jogar bola. Eu joguei em muitos lugares, onde era a Escola Normal era campo, na frente da Santa Casa dia de domingo. [...] Nós jogava porque gostava de jogar, não era pra pagar ganhar dinheiro [...] (COSTA, 2013) (grifo nosso).*

As recordações de entrevistado revelam os campos improvisados onde o futebol era praticado como uma forma de lazer, os amigos com quem conviveu e disputou animadas partidas de futebol também fazem parte de suas lembranças, dentre eles estão: “Palanqueta, Leiteirinho, Raimundo Rasga, Cafuringa, Ição, Vicente Rasga, mas tinham outros eram muitos jogadores, eram muito bons, muitos eu nem sei do nome, só sei do apelido”. Os ferroviários “faziam dos apelidos formas de brincadeiras e de “quebrar o gelo” [...] No entanto, nem

sempre eram levados na “esportiva” por quem os recebia, especialmente quando eram pejorativos ou de baixo calão” (VIEIRA, 2010, p. 191).

A sede do Clube dos Ferroviários na Avenida São Sebastião era o local onde eles se reuniam com os amigos e seus familiares para festejar suas vitórias e outras comemorações, como a data da inauguração, carnaval. O Clube tinha uma presidência que era eleita pelos sócios, tinha um regulamento que definia os direitos e os deveres dos sócios. A escolha do presidente e dos demais cargos ocupados dentro do clube se dava por meio de eleições que contava com a participação dos sócios que também eram os eleitores. Os sócios tinham uma carteira onde eles eram identificados como Atletas.

A eleição do Clube era notícia ocupava páginas dos jornais locais, como o jornal *Folha do litoral* em 02 de junho de 1976 informa aos parnaibanos sobre a um eleição realizada para escolha da nova diretoria, “a qual compareceu [sic] 437 ferroviários, sendo que 282 deram o seu voto a chapa encabeçada pelo Sr. João de Deus Spíndola, que recebeu o apoio da União dos Ferroviários do Brasil, e 149 apoiaram o Sr. Manuel Mesquita de Araújo, com uma diferença por tanto para o primeiro de 139 votos” (FOLHA DO LITORAL, 1976, p. 03). A chapa vencedora tinha como presidentes de honra os médicos Walterdes Machado de Sampaio, Carlos Araken Correia Rodrigues e o jornalista Bernardo Batista Leão.

Os ferroviários tinham muito apreço pelo Doutor Walterdes Sampaio e procuravam demonstrar dando a ele o cargo de Presidente de Honra do Clube, uma forma de reconhecimento e retribuição pela dedicação do médico ao futebol ferroviário. Para o Senhor Raimundo Nonato Mesquita de Araújo, ferroviário e eleito um dos presidentes

do Clube, “o Ferroviário foi fundado em 1946 pelo Doutor Walterdes, Doutor Godofredo e o Sebastião da Silva conhecido como Ição, esses aí foram os principais, “os cabeças” do Ferroviário. Mas a Estrada de Ferro dava muito suporte ao Clube” (ARAÚJO, 2014).

As lembranças dos ferroviários-jogadores são formadas por acontecimentos, personagens e lugares como sugere Michael Pollak (1992) ao se referir aos elementos constitutivos da memória individual ou coletiva. Os locais onde disputavam as partidas, as pessoas com as quais conviveram e apontam como “cabeças” do time estão presentes em suas recordações e formam uma “memória subterrânea” do grupo a que pertenceram e com o qual se identificam. Quando se referem ao grupo é como “família ferroviária” que eles se identificam.

Esse sentimento de pertencimento a um mesmo grupo ou uma família demonstra o elo de união existente entre os ferroviário-operários fortalecido pelo futebol, pois ao entrarem em campo ele levavam consigo o sentimento de unidade, onde cada um era responsável pelo outro. Formavam um time dentro e fora da ferrovia, pois pertenciam a um grupo determinado, diferenciado dos demais pelas atividades que desempenhavam e pelo lugar de destaque que ocupavam dentro do campo, onde disputavam as partidas de futebol aos finais de semana. A semana era dedicada ao trabalho.

### Considerações finais

O futebol que foi introduzido no Brasil por filhos da elite que iam estudar na Europa, no Piauí, especialmente em Parnaíba, na primeira metade do século XX passou a significar uma oportunidade de emprego, mudando a vida de muitos jovens que por demonstrarem habilidades com a bola tiveram oportu-

nidades de trabalho e renda. Não que existissem jogadores profissionais, mas aqueles que se destacavam em campo eram convidados para integrarem os times das empresas que apoiavam e incentivavam a prática desse esporte.

No Piauí os ferroviários formaram um time que recebeu apoio da empresa que permitia a contratação de funcionários para trabalhar e defender seu time. Esses homens trabalhavam no comércio da cidade e estavam ligados aos pequenos times existentes em Parnaíba entre as décadas de 1940 a 1950 quando foi frequente essa prática pelos dirigentes do Ferroviário Atlético Clube.

O “Esquadrão da Central ou Ferri- rim” como ficou conhecido teve construída sua sede na Avenida São Sebastião, próximo da estação central, onde os ferroviários se reuniam para as festas que reuniam a “família ferroviária”. Festas como o carnaval ficaram famosas e foram por muito tempo endereço certo de muitos foliões.

Entre os dirigentes o que mais marcou a memória dos ferroviários-jogadores foi o médico da estrada de ferro, Walterdes Sampaio, apaixonado por futebol foi um incentivador do esporte entre os ferroviários, cujo time ele fazia questão de escolher dentre os melhores da cidade aqueles que iam entrar para sua equipe. Os escolhidos tinham emprego garantido e passavam a fazer parte da Estrada de Ferro Central do Piauí, uma das maiores empresas federal existente em Parnaíba no período em destaque.

O futebol que a princípio foi apenas uma brincadeira para muitos parnaibanos era uma coisa séria, pois poderia garantir uma vaga num emprego ou a possibilidade de um emprego melhor, com melhores condições de trabalho e um aumento salarial.

## Referências

ARAÚJO, Raimundo Nonato Mesquita de. **Entrevista concedida a Maria Dalva Fontenele Cerqueira**. Parnaíba, 11 de setembro de 2014.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soeth. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da história*. In: BASSANEZI, Carla Pinsky (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *A cultura física, os afetos patrióticos e a constituição de novos padrões de masculinidade: Teresina – 1900-1930*. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. (Orgs.). **Cultura, corpo e educação: diálogos de gênero**. São Paulo: Intermeios; Teresina: EDUFPI, 2015, p. 13-32.

CERQUEIRA, Maria Dalva Fontenele. **Entre trilhos e dormentes: a Estrada de Ferro Central do Piauí na história e na memória dos parnaibanos (1960-1980)**. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes do fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 9ª ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2003.

COSTA, Newton Pereira. **Entrevista concedida a Maria Dalva Fontenele Cerqueira**. Parnaíba, 19 de novembro de 2013.

COLUNA esportiva. **A imprensa**. Teresina, 15 set. 1925, ano II, n. 13, p. 01.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *Estádio Albertão: entre a memória recitada e o apagamento de rastros*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. (Org.). **Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras**. Teresina,

- EDUFPI; Imperatriz, MA: ÉTICA, 2010, p. 97-122.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2013.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *História Oral*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **História e historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.
- NASCIMENTO, João Batista de Oliveira. **Parnaíba: terra do futebol**. Fortaleza: Premius, 2013.
- NASCIMENTO, Raimundo Ribeiro. **Entrevista concedida a Maria Dalva Fontenele Cerqueira**. Parnaíba, 08 de abril de 2014.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. **Projeto História**: São Paulo, v. n°10, p. 07-28, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. *Memórias e identidade social*. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.05, n° 10, p.200-212, 1992.
- REBELO, Goethe Pires de Lima. **Tempos que não voltam mais: crônicas sobre a Parnaíba antiga**. Rio de Janeiro: ADOIS [ s/d]
- REZENDE, Antonio Paulo. **Desencantos modernos: história da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Vicente de Paula Araújo. **Entrevista concedida a Maria Dalva Fontenele Cerqueira**. Parnaíba, 09 de abril de 2014.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- UNIÃO vence as eleições no Ferroviário. **Folha do Litoral**, Parnaíba, ano XVII, n°. 1384, p. 03, quarta-feira, 02 de junho de 1976.
- VIEIRA, Lêda Rodrigues. **Caminhos de Ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916 -1960**. 2010. 247 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- VOLDMAN, Daniele. *Definições e usos*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.